



A resistência cultural e a relação com a terra expressa nos corpos dos imigrantes sino asiáticos do interior paulista: uma vivência a partir do eixo "Co-habitar com a fonte" do método BPI

Orientanda: Yasmin C. S. Liang Chung

**Orientadora: Profa. Dra. Paula Caruso
Teixeira**

OBJETIVOS

O projeto apresenta como objetivo a produção de uma síntese artística, a partir dos dados coletados em pesquisa de campo e dos estudos feitos em laboratórios dirigidos, previstos pelo método Bailarino-pesquisador-intérprete (BPI). Dessa maneira, tem-se como objeto de estudo os corpos em movimento de imigrantes sino-asiáticos da região de Botujuru, bairro rural de Mogi das Cruzes, município do interior paulista. Faz-se imprescindível o estudo aprofundado da relação corpo-terra do imigrante — uma vez que o grupo a ser investigado lida com a terra, produz hortifrúti — e como se manifestam questões de conflitos culturais e de identidade nesses grupos. Além disso, âmbitos como paisagens-cenários, paisagens sonoras, sensações, emoções e memória também serão objetos de estudo desses corpos.

DESCRIÇÃO

Esse trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e, possui como

tema geral as relações culturais entre os imigrantes chinês e taiwanês e o Brasil, em como se tem dado a construção de identidade desse grupo ao longo dos anos. Assim, procura-se investigar como a brasilidade se manifesta em uma cultura historicamente fechada como a chinesa, característica observada, por exemplo, na dificuldade que a Inglaterra encontrou para comercializar com a China durante o século XIX.

Assim, fez-se imprescindível o entendimento dos movimentos migratórios da diáspora chinesa, os quais são caracterizados pelos contextos sócio-políticos e econômicos do país e também do mundo. Deve-se, também, entender a heterogeneidade da China, podendo ser caracterizada em China Continental, Taiwan, Hong Kong e Macau¹, com suas idiossincrasias, em que cada uma apresenta sua necessidade de migração, de acordo com a circunstância de cada local.

O aprofundamento no tema se dará a partir da ótica da imigração taiwanesa, uma vez que o

¹ A divisão apresentada é de acordo com a tese de Bicudo, citada nas referências do projeto.



objeto de estudo é constituinte do movimento migratório de Taiwan. Infere-se que, devido ao histórico conflituoso, sobretudo nas divergências políticas, as razões para a emigração chinesa seriam, dentre outras, o medo da guerra, pela instabilidade política instaurada por causa do Regime Comunista de Mao Tsé Tung, a perseguição sofrida também na “China livre” — Ilha Formosa — e a pobreza que muitas famílias viviam.

A metodologia utilizada para a pesquisa será o método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI), desenvolvido pela Profa. Titular do Instituto de Artes da Unicamp: Graziela Rodrigues. Tem-se como centralizador desse projeto o eixo “Co-habitar com a fonte”, em que o pesquisador necessita ir à campo e vivenciar o cotidiano dos investigados até se sentir como o outro sem perder a sua identidade corporal.

O Co-habitar com a fonte, segunda fase do processo e a mais explorada durante essa pesquisa, tem como princípio o contato e estudo de populações à margem da sociedade ou de manifestações populares brasileiras, fazendo o pesquisador deixar os espaços convencionais da dança, para conectar-se com outras realidades através da vivência da pesquisa de campo. Esse contato provém de uma série de estudos feitos anteriormente e tem a função de aprofundar os elementos aflorados no corpo no eixo inventário no corpo. Busca-se a vivência do bailarino no cotidiano do objeto estudado,

imerso nas dimensões do outro. É praticar a empatia, sem perder a sua própria identidade.

Nessa segunda etapa, são realizados os laboratórios práticos dirigidos, os dojos². Neles, o bailarino-pesquisador-intérprete trabalha as relações do inventário com as experiências vividas em campo, utilizam-se, nesse processo, seus diários de pesquisa, contudo, o principal é aquilo que revela-se no corpo: a vivência da e na realidade do outro.

RESULTADOS

A pesquisa de campo iniciou-se com o mapeamento e o primeiro contato com possíveis campos. Assim, a pesquisadora procurou contatar imigrantes sino-asiáticos de Botujuru, região rural da cidade de Mogi das Cruzes, SP. Esse processo ocorreu durante o segundo semestre de 2019, para a disciplina Dança do Brasil IV, ministrado pela professora doutora Larissa Sato Turtelli.

Durante a disciplina, houve a preparação corporal para que a pesquisadora pudesse ir à campo. Assim, intensificou-se o foco na relação interpessoal, uma vez que a proposta

² Os dojos são espaços individualizados, determinados, a priori, por uma circunferência riscada com giz, os quais representam um lugar seguro para experimentação corporal do bailarino. Dessa forma, podem-se explorar os fluxos dos sentidos no corpo: as movimentações, sensações, emoções e paisagens. Conforme o bailarino se aprofunda no método, os dojos ganham proporções maiores, tornando-se extensões do seu corpo, possibilitando maior amplitude dos movimentos, acolhendo cada vez mais as imagens internas que se formam com a sua vivência (RODRIGUES, 2010).



do eixo co-habitar com a fonte é a saída dos espaços físicos convencionais da dança para adentrar uma realidade que a circunda (RODRIGUES, 2003). Para isso, o estudo de matrizes de manifestações populares brasileiras foi feito, no caso, a Capoeira e o Congado. Nas matrizes da Capoeira, sobretudo, na ginga, a utilização do olhar como forma de estabelecer a relação com o outro era de suma importância, enquanto, no Congado, a relação com o outro concentrava-se mais na movimentação corporal que no olhar.

Após essa preparação corporal, o primeiro contato com o campo foi estabelecido. Um sítio em Botujuru, bairro rural de Mogi das Cruzes, em que havia cultura de cogumelos shimeji. O senhor que foi contactado mostrou-se receptivo desde o primeiro encontro. No entanto, com a demora para receber a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa e a pandemia de Covid-19, a pesquisa de campo limitou-se ao primeiro contato feito em 2019 e duas idas a campo em 2020, antes do isolamento social, assim como foram impossibilitadas as pesquisas em terreiros de Umbanda e/ou Candomblé.

A movimentação observada concentrava-se na região dos braços e mãos. A preparação dos shimejis para serem embalados consistia em cortar suas raízes e, os que eram maiores, deixá-los em partes menores. Os cogumelos que tinham as raízes cortadas iam para as bandejas de isopor. Arrumá-los lá,

assemelhava-se a preparar um arranjo de flores, com delicadeza e precisão no posicionamento, a fim de deixá-los o mais apresentável e atrativo possível. Quanto aos shimejis cortados, estes eram colocados em sacos plásticos e fechados à vácuo, manualmente. Era uma técnica simples, porém exigia atenção às minúcias para executá-la corretamente.

Apesar do pouco tempo de pesquisa de campo, constata-se que foi um período de qualidade, em que a pesquisadora abriu-se para a experiência de tal modo, que, caso houvesse a oportunidade de realizar a pesquisa, vivenciaria o co-habitar com a fonte mais completa e intensamente. Tal estado, do co-habitar, pode ser evidenciado pelo seguinte trecho, retirado de um dos diários de campo da pesquisadora:

Nós estávamos rasgando os shimejis grandes em partes menores quando Wilson³ me perguntou se eu não queria ver o funcionário do sítio capinar. Seria um movimento diferente e que eu podia observar, então eu fui. Havia chovido, então estava uma lama só, misturada com as plantas. Ele me viu e então me cumprimentou, eu o cumprimentei de volta. O tônus era alto, pés firmes para não cair e força no braço. Havia água caindo de uma caixa d'água aberta para um pote de plástico menor, que deixava a água cair para outro pote. Fiquei lá por alguns minutos, observando.

³ Nome fictício, escolhido aleatoriamente, para manter a privacidade e integridade da pessoa pesquisada.



Ouvia as vozes dos mais velhos, ao fundo, conversando em taiwanês. Estranhamente me senti em casa, era uma sensação completamente familiar pra mim. A confluência do Ocidente-Oriente, em que eu observava um homem ocidental, enquanto a parte da cultura oriental-asiática da minha ancestralidade continuava a se manifestar.

A pesquisa, pois, continuou de forma remota, com o auxílio da disciplina de Dança do Brasil V, ministrada pelas professoras doutoras Paula Caruso Teixeira e Larissa Sato Turtelli. Com a retomada das aulas práticas ao longo do semestre, percebeu-se que as mãos e seus movimentos, associavam-se ao campo pesquisado. Além disso, foi possível chegar a duas modelagens principais no meu corpo⁴, nomeadas “corpo-moça” e “corpo-monstro”. Observou-se que eram diametralmente opostos ao se tratar do tônus corporal, tipo de movimentação e histórias, no entanto, partilhavam o sentimento de conflito, tema crescente ao longo do processo.

O corpo-moça tinha movimentos circulares e o tônus mais leve. Sua movimentação era potencializada pelo tecido roxo e leve utilizado

em aula. Esse objeto tomava diversas formas, em alguns momentos era fogo, em outros, era parte da vestimenta, como um grande lenço que cobria suas costas. O lenço era herança de família, portanto muito precioso.

Já a outra modelagem que emergiu em meu corpo foi chamada “corpo-monstro”, que era tensionado por inteiro, os ombros curvados e as mãos tomavam forma de garras. A emoção que emergia do corpo era raiva e o sentido de desprezar humanos. A movimentação predominante era de pisar, como se estraçalhando o que estivesse no solo. As mãos rasgavam o espaço, como se rompesse corpos. O cenário predominante desse corpo era um campo de batalha, uma guerra, muitos mortos amontoados no chão, um lugar escuro e cheio de sangue. As raras vezes que não estava batalhando, o corpo-monstro encontrava-se em uma casa de pedra escondida na floresta. Cuidava de suas plantas, valorizava a natureza, a vida.

Ao aprofundar os corpos emergidos durante os dojos, evidenciou-se a guerra como o conflito identitário da pesquisadora. No entanto, o sentido da guerra representa, também, a historicidade de um povo. A instabilidade política, a qual muitas vezes ocasiona conflitos bélicos, é um dos mecanismos de expulsão (VÉRAS, 2008) que acarretam movimentos diaspóricos.

Ainda sob a temática do conflito, observa-se o choque cultural Ocidente-Oriente. Costumes, tradições, idiomas e religiões são alguns

⁴ Durante esse momento, a **Incorporação**, a pessoa deverá lidar com *muita gente no seu corpo*, até parece que são muitas personagens, porém todas essas imagens fazem parte de um mesmo eixo. Em alguns momentos essas características se misturam, outras vezes uma delas se destaca, tornando-se depois fusionadas. Uma história vai se formando. Na fusão dos corpos resulta uma individualidade que grita o seu próprio nome. Neste momento, a pessoa tem a personagem estruturada (RODRIGUES, 2003). Portanto, as modelagens são os corpos acessados pelo pesquisador antes de estruturar a personagem.



exemplos disso. Assim, ambos, Ocidente e Oriente, estranham-se, contudo, na estrutura de poder em que o Ocidente se consolidou, foi criada uma imagem equivocada, que servia às intenções colonialistas ocidentais.

Diante disso, o estereótipo, o não pertencimento, a não validação como brasileira e a racialização velada, a pesquisadora percebeu a necessidade da validação das vivências asiáticas como parte ativa da brasilidade e da constituição de identidade nacional. Se, como (BARRETO, 2012) afirmou, a vida cotidiana é aquilo que produz o dia-a-dia, excluir de toda uma cultura grupos que apenas não partilham de alguns costumes hegemonicamente brancos, ainda que compartilhem o mesmo ambiente, idioma, feriados e festividades, não abrangeria nem construiria a imagem do que é ser brasileiro, em sua totalidade.

Assim, além dessas reflexões, a pesquisa foi de suma importância para a pesquisadora compreender melhor o funcionamento de pesquisas científicas na área de dança. Auxiliou, também, na ativação de um corpo mais expressivo, não apenas para o método BPI, mas para os seus trabalhos corporais no geral.

REFERÊNCIAS

RODRIGUES, Graziela Estela Fonseca. **Bailarino-pesquisador-intérprete**. 3ª ed. Lauro de Freitas: Solisluna Editora, 2018.

_____. As Ferramentas do BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete). In: **Anais do I Simpósio Internacional e I Congresso**

Brasileiro de Imagem Corporal (ISBN: 9788599688120). UNICAMP. Campinas, SP. 2010.

_____. **O método BPI (Bailarino-pesquisador-intérprete) e o desenvolvimento corporal: reflexões que consideram o discurso de bailarinas que vivenciaram um processo criativo baseado neste método**. Tese (Doutorado em Artes). Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Instituto de Artes (IA). Campinas - SP. 2003.

VÉRAS, Daniel Bicudo. **As diásporas chinesas e o Brasil: a comunidade sino-brasileira em São Paulo**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo - SP. 2008.

BARRETO, Francisco Sá. **A dor e a delícia de ser o que é: A brasilidade e o caso do pertencimento como discurso**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA). João Pessoa - PB. 2012.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Sr. Nan e família, os quais se mostraram sempre abertos a me receber, desde o início do processo.

Agradeço também à Profa Dra Paula Caruso Teixeira, que me orientou durante todo o processo e à Profa Dra Larissa Sato Turtelli, pela preparação corporal em suas aulas.

Agradeço ao PIBIC e à CNPq pela oportunidade de realizar essa pesquisa.

Por fim, agradeço meus familiares e amigos, os quais me incentivaram e apoiaram a dar continuidade a esse processo.